

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

A mulher na Umbanda:

Entre a cruz e a encruzilhada



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

~~1292~~

1292

Data 02/10/98

00382-A MULHER NA UMBANDA

Autor: SILVA, SELMA MARIA DA

Trad.: ///

Edit.: UFU/DEPTO DE HISTÓRIA
UBERLÂNDIA MG

DE UBERLÂNDIA

Humanas e Artes
Departamento de História

0382.5 (81)

24/11/98

SELMA MARIA DA SILVA

**A MULHER NA UMBANDA:
ENTRE A CRUZ E A ENCRUZILHADA**

Trabalho monográfico realizado sob
a orientação da Professora Dra. Jane
de Fátima S. Rodrigues.

Universidade Federal de Uberlândia

Setembro 1998

Baporalin.

Glândia Costa Guerra.

DEDICATÓRIA

“Aos ninguéns, aos filhos de ninguém, aos donos de nada...

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na História, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Aos ninguéns que custam menos que a bala que os mata...”

GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Porto Alegre, L&PM, 1991.

AGRADECIMENTOS

Ao redigir esta página, esforcei-me na tentativa de fugir de um irritante dilema. Por um lado, é impossível dissimular a sensação de vitória ao concluir o Curso de História, à duras penas, não há como negar. Por outro lado, o constrangimento de uma trajetória longa e inglória. Contudo, o fascínio que sempre tive pela História e, que o curso reforçou, permite-me a ousadia de afirmar que valeram todas as penas.

Devo a todos (as), que tive como professores (as), graças aos seus exemplos brilhantes, o fato de não haver sucumbido diante de inúmeras dificuldades. Minha gratidão pela motivação, pela colaboração, pela receptividade e disponibilidade.

Em particular, agradeço à Professora Dra. Jane de Fátima S. Rodrigues a preciosa orientação, a valiosa contribuição de suas idéias e a qualidade de seus pareceres.

À minha mãe, deixo registrado o meu reconhecimento, quer pelo afeto, quer pelo incentivo moral em todos os momentos.

Não posso deixar de mencionar que a conclusão do curso não seria possível sem o apoio e a colaboração de José Humberto, Dona Célia e Mara Lúcia, especialmente nos cuidados com as minhas crianças. A eles minha gratidão.

Agradeço ao Criador e peço dias suficientes e capacidade para trilhar, com êxito, novos caminhos.

Benção a todos os Orixás.

Benção meu pai velhinho.

Selma Maria da Silva

ÍNDICE

Apresentação	1
Introdução	3
Metodologia	6
Referencial Teórico	9
Capítulo I	14
Histórico do Espiritismo	14
Capítulo II	24
Histórico da Umbanda em Uberlândia	24
Capítulo III	30
Importância dos Terreiros	30
Considerações Finais	36
Fontes Arroladas	38
Bibliografia	39

APRESENTAÇÃO

Num país, como o Brasil, para onde vários povos migraram e trouxeram consigo suas particularidades étnicas, culturais e religiosas, inevitavelmente em algum momento estas culturas se misturam e geram uma outra, mais ampla e diversificada.

Foi exatamente isto que aconteceu com a Umbanda. Tal como a conhecemos jamais existiu na África. Houve influência africana, assimilação, sincretismo, troca de valores e mistura de conceitos que vieram das diversas religiões. Do Catolicismo, por exemplo, a adoção do Evangelho, o culto aos santos sincretizados, a crença em Cristo; do Espiritismo, a dedicação à caridade, a crença na reencarnação e na vida após a morte, o trabalho mediúnico; dos Africanistas, o culto aos orixás, a nomenclatura físicas e espirituais, os rituais de iniciação, os cânticos, etc.

No Brasil, os (as) negros (as) africanos (as) relegados (as) ao absurdo da escravidão, sob o jugo inquestionável de um Catolicismo maniqueísta, submetidos à perseguições animalescas, a confusão proposital generalizou-se, para que esquecessem uma cultura muito mais refinada do que aquela que aprendemos, sobre eles, em nossas escolas. Os escravagistas tentaram apagar sua História, suas cortes principescas e suas cidades bem organizadas. Sua língua, já na África, vinha subjugada sob a bandeira islâmica e as armas de fogo européias.

Famintos, doentes, confusos entre línguas estranhas às suas, misturados indiscriminadamente a outras tribos, submetidos com tirania, negros e negras conseguiram, como num verdadeiro milagre, juntar migalhas e sobreviver, mascarando seus ritos milenares sob o sincretismo das formas de santos europeus e à

imposição de um Catolicismo aviltante.

Perderam sua História, suas referências, seu orgulho nacional. Era natural que, pela confusão nascida aí, pela passagem oral distorcida, praticassem os ritos sem muito bem compreender como aconteciam os fenômenos de origem mediúnica, cuja explicação de origem se perdeu.

Lamentavelmente, muito foi perdido da História dos (as) negros (as) africanos (as) e da “Umbanda”. Muito foi confundido e, hoje é “irrecuperável”. Nos empenhamos, no entanto, no decorrer desta pesquisa, em resgatar um pouco de sua História, peneirando seus rudimentos, procurando dar um pouco de visibilidade aos praticantes do culto, em especial às mulheres. Sobre a pesquisa, ressaltamos que procuramos, incansável e exaustivamente, o conhecimento da doutrina e sua sabedoria. Constatamos, porém que é muito mais intrincada do que tudo o que se pode ouvir por aí.

INTRODUÇÃO

A experiência religiosa que vivi durante a adolescência foi de extrema eficácia, não no sentido de assimilação incontestável e sim, no sentido de aguçar a minha curiosidade quanto às crenças, principalmente as chamadas “marginalizadas”.

Sendo filha de evangélicos protestantes, ouvia frequentemente músicas evangélicas e convivia com pregações insistentes e inconsistentes. Hoje percebo algumas religiões como extremamente etnocêntricas e racistas. Evidentemente não as percebia assim, colocadas nesses termos, contudo os posicionamentos com os quais convivia inquietavam-me.

Tínhamos uma vizinha, Ana Isabel, que era negra e umbandista. Na linguagem da vizinhança era a macumbeira, no sentido mais negativo que possa ser atribuído a essa palavra.

Sendo mulher, pobre, negra e umbandista era vítima de um preconceito implacável por parte das pessoas que, além de serem extremamente racistas, supunham que o único caminho, a única religião correta era a que praticavam, exercendo ferrenha oposição às demais. De um lado, as pregações evangélicas que não esclareciam muito, as interpretações literais do evangelho, “verdades marteladas” que não convenciam, o único caminho a ser trilhado, o do bem. Do outro lado, o desconhecido, o proibido, o mal.

Desta combinação indigesta à descoberta de uma vasta literatura espírita foi um passo. Tornei-me uma consumidora voraz. Lia tudo que chegasse às minhas mãos sobre o Espiritismo, fossem livros Kardecistas ou não, com vontade de saber cada vez mais. Histórias de vida após a morte, reencarnação, evolução espiri-

tual, amor, conforto, resignação, destino. Através destas leituras julguei encontrar a coerência que buscava. Eram cômodas e reconfortantes.

Aliado à essa busca sempre esteve presente o interesse pela História. Com a História aprendi que quase todas as ocorrências do mundo são resultantes das construções sócio-culturais, o que é também profundamente inquietante.

Dáí em diante foi amadurecendo, em mim, o desejo de investigar os fatores que explicavam a proliferação do Espiritismo, em especial a do culto umbandista, uma vez que o mesmo prevalece em meio hostil e em condições adversas, que não foram capazes de apagar dos descendentes as crenças e motivações religiosas originais.

Ao direcionar a atenção para a prática umbandista fui movida pelas variadas interpretações por parte de pensadores (as) sociais, religiosos (as) e pelas inúmeras indagações suscitadas diante dos impactos, efeitos e influências no conjunto da sociedade, enfim, pelas significações que as práticas umbandistas carregam, sem contudo perder de vista o quadro que me inspirou, o de uma mulher negra.

No Brasil, a Umbanda representa um movimento popular de resistência à violentação religiosa imposta desde a catequese jesuítica e de aspirações libertárias e igualitárias para uma nova sociedade, atualmente.

O crescimento da Umbanda no Brasil pode ser constatado através de um grande número de pesquisadores (as) dos diversos ramos das Ciências Sociais empenhados (as) nas tentativa de dar uma resposta ao porquê deste relevante fenômeno social.

Na Umbanda, os fracos e socialmente despossuídos, especialmente as fracas e despossuídas, encontram uma possibilidade, através do poder mágico e da sabedoria, virar pelo avesso as razões que legitimam a hierarquia social, ou seja, a dominação masculina. Enfim, é possível afirmar que é a necessidade de ter uma explicação da vida e de participar embora, às vezes, inconscientemente da ação histórica que leva as pessoas a buscarem nas práticas umbandistas as respostas para questões desencadeadas no dia-a-dia.

Assim sendo, este trabalho cujo objetivo é focalizar sobretudo, o papel

desempenhado pela mulher nos rituais e em todo processo de desenvolvimento desta prática religiosa, inédita neste campo, poderá contribuir para uma melhor compreensão dos processos históricos locais, visto que busca resgatar aspectos relevantes e pouco explorados pelos (as) pesquisadores (as) desta região.

A presente pesquisa poderá ser vista como uma relevante contribuição pelo fato de participar de forma considerável no deslocamento das preocupações locais, de ter aberto um novo campo de investigação, lugar privilegiado de observação dos conflitos e das tensões sociais.

A dominação da mulher pelo homem é uma prática que se arraigou por séculos e séculos. No campo religioso não foi diferente, considerando que na maioria das religiões são dos homens os cargos mais importantes na hierarquia religiosa. Neste sentido, as principais questões colocadas foram:

1 - Reprimida e oprimida, a mulher teria visto na Umbanda a possibilidade de emergência de um antigo anseio, o de liberdade?

2 - Qual o papel da mulher no ritual e nas cerimônias?

3 - Inserida num dos segmentos marginalizados da população, teria a mulher encontrado na Umbanda a possibilidade de uma aceitação autêntica de suas potencialidades criadoras, de suas capacidades transformadoras e de sua afirmação autônoma e existencial?

METODOLOGIA

Na tentativa de construirmos explicações mais abrangentes sobre as questões levantadas, procurando dar substância às análises, explicações e conclusões procuramos realizar a pesquisa através de um diálogo constante com as fontes.

A investigação a que nos propomos foi pensada a partir da constatação da explosão dos cultos umbandistas no Brasil, mediante o levantamento de uma vasta bibliografia, além das razões apresentadas na introdução.

Sistematizamos a leitura do material bibliográfico, que trata do tema, além da pesquisa nos jornais locais sem, entretanto, encontrarmos nenhum registro específico sobre a Umbanda. Realizamos também observações nos terreiros de práticas umbandistas.

Trabalhamos com fontes orais, entrevistando os (as) participantes dos cultos que, primadas pelo método de análise do discurso, procuraram captar as tensões vividas nos embates cotidianos e possibilitaram reflexões mais precisas sobre as questões levantadas. Buscamos resgatar no registro das memórias a forma como estas atuam na compreensão do passado e do presente, pois

“A história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado para e pela sociedade em algum momento, em algum lugar. Desses elementos o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico.” ①

Entendemos que o trabalho com a fonte oral possibilita o resgate da história de grupos que não possuem uma documentação escrita, além de se apre-

① MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. São Paulo, Contexto, 1994, p. 19.

sentar como uma metodologia diferenciada da tradição positivista à medida que encara os fatos históricos como representações da realidade.

O resgate de memórias, evidentemente, se apresenta bastante distinto do que foi vivido, no entanto, ele se ancora nos elementos resgatados da realidade, em outras histórias já produzidas.

Segundo Thompson:

“A História Oral é uma História construída em torno de pessoas. E lança a vida para dentro da própria História e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a História para dentro da comunidade e extrai a História de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar a dignidade e a autoconfiança. Propicia contato e, pois a compreensão entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que compartilhem das mesmas intenções ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a História Oral propõe um desafio aos mitos consagrados da História, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece meios para uma transformação radical do sentido social da História.” ②

A partir da investigação dos sentimentos, motivações e concepções buscamos compreender um fenômeno social e para isto precisamos apreendê-lo totalmente, tanto de fora quanto de dentro como uma realidade vivida, como os atores sociais a vivenciaram. Para entender a mentalidade de um povo é preciso ir de encontro à experiência. Para entender a filosofia umbandista, para compreender o Candomblé, mister se faz ser um adepto. De fora, de ouvir dizer não se pode afirmar coisa alguma sobre crença alguma. Roger Bastide nos diz por exemplo:

“Eu abordava o Candomblé com uma mentalidade moldada

② THOMPSON, Paul. A Voz do Passado, História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, p. 44.

por três séculos de cartesianismo. Devia deixar-me penetrar por uma cultura que não era minha. Devia portanto converter-me a uma outra mentalidade. A pesquisa científica exigia de mim a passagem prévia pelo ritual de iniciação.” ③

Bastide foi entronizado no Candomblé, que lhe revelou ser filho de Xangô, deus do trovão dos Iorubas, e onde, até a sua morte ocupará um lugar na hierarquia sacerdotal.

Considerando que é de fundamental importância a empatia do (a) pesquisador (a) com os (as) participantes do culto, nos transportamos, no decorrer da pesquisa, ao mundo “encantado” dos Orixás e à dura realidade dos (as) que buscam, através de poderes mágicos, virar pelo avesso a hierarquia social. Exercício árduo, posto que a maioria dos terreiros umbandistas se encontra na periferia miserável da cidade, sendo, também, a maioria dos (as) adeptos (as) semi-analfabetos (as) e rudes. Foi preciso nos munirmos de muita sensibilidade, dentro do humanamente possível, no sentido da preparação para compreender esse outro “universo”.

Passado o tempo da impregnação, chega, inevitavelmente o da distância, próprio da linguagem científica. O método consiste não apenas em compreender um segmento da sociedade, mas também em entender o que lhes escapa. O que vivem os (as) participantes de uma determinada crença não poderá ser compreendido situando-se apenas dentro dessa crença.

“O olhar distanciado, exterior, diferente, do estranho, é inclusive a condição que torna possível a compreensão das lógicas que escapam aos atores sociais.” ④

③ LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 183.

④ LAPLANTINE, François. op. cit., p. 184.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao nos colocarmos a realidade social que buscamos compreender, deparamos com uma diversidade de perspectivas de trabalho, que a construção de um quadro teórico adequado ao tema escolhido, revelou-se uma tarefa nada fácil.

Transitando num universo conflituoso, que é o campo da religiosidade, acreditamos na possibilidade de reconstituição da experiência cotidiana de homens e mulheres, desvendando as relações históricas travadas com o meio e com a transcendência. Para isto, Clifford Geertz nos diz:

“Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o tom, o caráter e a qualidade de vida de um povo, seu estilo e disposições morais, sua visão de mundo, o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem.” ①

Entendemos, então, que religião é qualquer sistema grupalmente partilhado de pensamento e ação que ofereça ao indivíduo um esquema de orientação e um objeto de devoção.

A religião assim concebida pode ser conducente à destrutividade ou ao amor, à dominação ou à solidariedade, sobretudo reflete um dos modos de adaptação de homens e mulheres ao meio em que vivem, que pode ser ao mesmo tempo misterioso, operacional, poético e muitas outras coisas.

O nosso trabalho estará, sem dúvida, marcado pelo que hoje tem-se caracterizado como História Social, à medida que trata de objetos pouco estudados e modos pelos quais homens e mulheres constróem o seu viver, contribuindo, desta

① GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989, p. 104.

forma para a compreensão e articulação desta temática no todo social.

Ao abordarmos, nesta pesquisa, o desempenho das mulheres dentro de uma prática religiosa, partimos da constatação de que tanto as ações, quanto o pensamento desses grupos foram, por longo tempo, ignorados. Despertamos para a necessidade de desvendarmos de que maneira as diferentes concepções de mundo se ajustam, delineando escalas de valores e convicções numa dada sociedade.

Nesse sentido, a História Social tem viabilizado o estudo voltado para temas femininos, tentando tirar do anonimato o papel das mulheres na História. Ao privilegiar atores e temas não contemplados pela História Tradicional vem propiciando reflexões mais abrangentes sobre o político, o econômico e o social.

A temática proposta foi pensada incorporando o termo ausente em Marx, no dizer de Thompson, “a experiência humana”, procurando demonstrar como a experiência de pessoas comuns é extremamente relevante para se entender o processo histórico:

“Os homens e mulheres também retornam não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.” ②

Acreditamos que as pessoas experimentam suas experiências como sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares ou nas convicções religiosas. O nosso objeto, caracterizado como marginal, foi pensado dentro de uma perspectiva de História que busca tirar do obscurantismo aspectos relevantes para a compreensão dos processos históricos locais, sendo tratado, portanto, segundo as perspectivas da História Local, à medida que busca resgatar aspectos até então considerados sem importância, no contexto local.

A partir dos anos 60, graças ao impulso dado pelo movimento feminista e / ou pela necessidade de ressaltar outras categorias históricas, a História das

② THOMPSON, Edward P. “O Termo Ausente: A Experiência. In: Miséria da Teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 182.

Mulheres têm se constituído um novo campo do saber e um rico filão para discussões teórico-metodológicas.

O movimento feminista contribuiu de forma contundente para abertura de espaço dentro da academia, que abrigasse grupos de trabalhos sobre a condição feminina.

Dentre outros objetivos, os estudos sobre mulheres visam, fundamentalmente, denunciar a discriminação sexista presente tanto no social, quanto no arcabouço teórico das Ciências do Conhecimento. Assistimos, assim, a emergência de revisão dos paradigmas utilizados pelas Ciências Sociais, que até então privilegiavam o sujeito masculino:

“A eclosão de novos movimentos sociais urbanos: mulheres, ambientalistas, negros e grupos minoritários e marginais a partir dos anos 70, levou os (as) cientistas sociais a repensarem seus parâmetros de análise do social. O sujeito histórico enquanto uma figura única se pulveriza e novos sujeitos entram em cena, dentre eles as mulheres...” ③

Ao serem incorporados novos grupos de estudo, os (as) pesquisadores (as) concluíram que a História, até então apresentada era incompleta e parcial, urge então a necessidade de questionamento das correntes teórico metodológicas, uma vez que importantes agentes do processo social haviam sido excluídos, inclusive as mulheres.

Nos anos 80, assistimos a inauguração de uma segunda etapa nestes estudos, ao ser introduzida a Categoria Gênero, enquanto instrumento de análise das relações entre os sexos.

“O gênero enquanto uma categoria de análise rejeita o determinismo biológico e introduz uma dimensão relacional entre os sexos, ao mesmo tempo que insiste no caráter social e cultural das diferenciações fundamentadas pela divisão sexual. Propõe a desconstrução dos conceitos e a desnaturalização de inúmeros

③ RODRIGUES, Jane de Fátima S. “História das Mulheres e a Categoria Gênero: propostas teóricas”. In: Boletim informativo do CDHIS, NEQUJEM, UFU, Nº 11, 1º semestre 1998.

aspectos forjados nas relações entre os sexos.”^④

Transcorridas três décadas do início das críticas mais radicais ao modelo de feminilidade e de família, continuamos a cada dia, assistindo ao desmoronamento de antigas ideologias machistas, mas que ainda discriminam e excluem as mulheres.

Vacilante em seus avanços e retrocessos é, contudo, realidade, neste final de século, o lento colapso da hegemonia patriarcal sobre as mulheres. A hegemonia masculina numa ordem patriarcal durou cerca de seis ou sete mil anos e ainda prevalece nos países menos desenvolvidos. Porém, assistimos nas sociedades mais prósperas uma lenta emancipação das mulheres à medida em que se eleva o padrão de vida.

A revolução cultural das décadas de 60 e 70, estendeu sua crítica à sociedade burguesa, vista como consumista, autoritária e coercitiva. Enquanto assistia a novas formas de produção cultural e a multiplicação dos espaços culturais, a classe média urbana viveu de maneira brutal a ruptura de antigos padrões das relações familiares. É a partir dos anos 70, dentro de um contexto de crise e construção de novos modelos e padrões familiares que abordamos o surto umbandista no país, reflexo deste surto foi a fundação em 1972 da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais na cidade de Uberlândia. Como uma associação Espírita Cristã sua proposta é congregar todos os centros umbandistas no Estado de Minas Gerais, a fim de estreitar os laços de fraternidade e prática da caridade.

Nenhuma relação entre um homem e uma mulher, mesmo hoje, e mesmo entre os que conscientemente protestam contra a hegemonia masculina está isenta da maldição ou sentimento de superioridade por parte dos homens, ou de inferioridade por parte das mulheres.

“As pesquisas e as hipóteses dos trabalhos feministas têm trazido à tona um mundo novo de experiências e práticas sociais e jogado por terra velhos mitos e preconceitos que nada mais foram do que justificativas ideológicas para a dominação de um saber masculino e para uma estrutura de poder que beneficiava

④ RODRIGUES, Jane de Fátima S. “História das Mulheres e a Categoria Gênero: propostas teóricas”. In: Boletim Informativo do CDHIS, NEQUEM, UFU, 1º semestre 1998.

e garantia a predominância dos homens em várias atividades humanas.”^⑤

Portanto, é nesta perspectiva da História Social que abordaremos este trabalho e investigaremos a participação feminina no contexto de prática umbandista, pensando na diferença entre os sexos como uma construção social e cultural.

^⑤ RODRIGUES, Jane de Fátima S. Os Estudos sobre Mulheres: “emergência de um novo campo do saber”. In: Boletim Informativo do CDHIS. NEQUEM. UFU. 1º semestre 1998.

CAPÍTULO I

Para uma análise satisfatória do tema proposto, antes de mais nada, necessitamos conhecer as origens da Umbanda e suas características principais. Para tanto mergulhamos nas suas raízes buscadas no Espiritismo.

Histórico do Espiritismo

Hippolyte Léon Denizard Rivail, Allan Kardec ^① foi pioneiro ao apresentar a teoria relativa aos fenômenos espíritas e a partir de observações deduzir as leis que os regem formando um corpo de doutrina metódico e regular. Convivendo com atos de intolerância, cedo concebeu a idéia de uma reforma religiosa. Contudo faltava-lhe o elemento indispensável, o Espiritismo, que direcionou-o posteriormente.

Antes da publicação de O Livro dos Espíritos, a 18 de abril de 1857, a fundação do Espiritismo só contara com elementos esparsos, sem coordenação. Ao ser exposta de forma clara, no referido livro, a doutrina reuniu simpatizantes e aderentes em todas as classes sociais em vários países. Este livro tornou-se básico da codificação kardequiana, criando assim a Religião Espírita.

Ao invés da fé cega que anula a liberdade de pensar, o Espiritismo tem como premissa básica que: “Não há fé inabalável, senão a que pode encarar face a face a razão, em todas as épocas da humanidade.”

A fé cega já não é para esse século, para crer não basta ver, é preciso, sobretudo compreender segundo Allan Kardec, muitos existem que crêem ter sido

^① Allan Kardec fundou a primeira sociedade espírita sob a denominação de Sociedade Parisiense de Estudos.

Allan Kardec nasceu em Lião, França, a 3 de outubro de 1804, sob a religião católica, mas foi educado num país protestante. Suas principais obras são: O Livro dos Espíritos (parte filosófica), O Livro dos Médiuns (parte experimental), e O Evangelho Segundo o Espiritismo (parte moral). Fundou a primeira Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em meados de 1860.

a luz feita exclusivamente para eles, assim sendo dirige-se aos que não trazem idéias preconcebidas e firmadas contra tudo e contra todos e procura demonstrar que a maior parte das objeções opostas à doutrina são provenientes de observações incompletas dos fatos e juízo precipitado.

Relata de forma sucinta a série progressiva dos fenômenos que deram origem à doutrina espírita, apontando como fato primeiro a movimentação de objetos diversos, que foram, vulgarmente, designados por mesas girantes ou dança das mesas. Tal fenômeno foi observado primeiramente na América, e se propagou rapidamente pela Europa e pelo mundo. Contudo, a História prova que ele remonta a mais alta Antigüidade, envolto a circunstâncias estranhas, como ruídos e pancadas sem causa aparente.

Ao analisar as possíveis causas dos movimentos dos objetos, Allan Kardec aventava possibilidades de natureza física, da eletricidade modificada por certas circunstâncias, as quais se descartam dadas as características bruscas, desordenadas e violentas, objetos suspensos contrariando as leis da estática.

O movimento dos objetos foi percebido, não se sabe por iniciativa de quem. Não era apenas o resultado de forças mecânicas, havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente.

Inicialmente as mesas “respondiam” com determinado número de pancadas às questões que eram colocadas, posteriormente as respostas foram se desenvolvendo com o auxílio das letras do alfabeto, formando-se palavras e até frases.

Ao ser interrogado quanto a sua natureza, o ser misterioso se declarava espírito ou gênio, prestando diversas informações a seu respeito.

Sendo demorado e incômodo esse meio de correspondência, o próprio espírito indica outro, aconselhando a adaptação de um lápis a uma cesta ou outro objeto, colocados sobre uma folha de papel. O lápis passa a movimentar-se rapidamente, formando muitas páginas sobre questões filosóficas, morais, metafísicas e de psicologia. Quando descobrem que a cesta ou objeto ligados ao lápis não passam de apêndice da mão, o médium toma o lápis e passa a escrever involuntariamente.

Designando a si mesmos pelo nome de espíritos ou gênios, declarando

alguns terem pertencido a homens que viveram na Terra, transmitiram os pontos principais da doutrina Espírita. Em síntese, são os seguintes princípios resultantes dos ensinamentos dados pelos espíritos superiores:

1. a existência de Deus, misericordioso Pai Criador.
2. “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jesus).
3. “fazer aos outros aquilo que gostaria que lhes fosse feito” (Jesus).
4. a reencarnação do espírito.
5. a imortalidade do espírito.
6. Lema áureo: “Fora da caridade há salvação”.
7. a finalidade da vida: a transformação moral da humanidade conforme os ensinamentos de Jesus Cristo.
8. a evolução espiritual progressiva.

Os espíritos ensinam não haver entre eles igualdade de conhecimentos, nem de qualidades morais, compete às pessoas a separação do bem do mal. Aqueles que acreditam que só se comunicam seres malfazejos não conhecem a natureza das manifestações dos espíritos superiores.

No mundo dos espíritos também há uma sociedade boa e uma má, há aqueles que se aproveitam da fraca solidez de princípios de algumas pessoas e divertem-se em lhes satisfazerem a curiosidade. Aqueles que se dedicam ao estudo do que se passa entre os espíritos logo se convencerão de que a cidade celeste não abriga apenas a escória popular.

Segundo Allan Kardec, insensato seria supor que Deus permitiria somente aos espíritos malfazejos a manifestação sem dar por contrapeso os conselhos dos bons espíritos. Tal crença é contrária às mais elementares noções do bom-senso e da religião.

A Ciência Espírita compreende duas partes: uma experimental e uma filosófica e foi justamente a filosofia do Espiritismo que demonstrou a existência de elos que ligam o homem a Deus e estes elos são constituídos pelos espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição.

“Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega.” ②

O Espiritismo no Brasil

Em meados de 1863, o Espiritismo é introduzido no Brasil. Ao longo dos anos foi se tornando um ponto convergente das classes proletárias das grandes cidades. As pequenas cidades, dado seu conservadorismo católico e patriarcal continuaram se opondo.

O Espiritismo se amolda segundo as categorias sociais e assume aspectos diferenciados. É mais comum entre a clientela das sessões espíritas homens e mulheres desajustados, desenraizados, perdidos na multidão.

O Espiritismo que se pretende científico congrega intelectuais, médicos (as), engenheiros (as), universitários (as), desde sua introdução no Brasil até os dias de hoje. São atraídos (as) pelas experimentações que se dizem metapsíquicas e movidos pelo gosto do mistério, pela inquietação da alma em busca de uma religião. É chamado de primeiro Espiritismo.

Por congregar uma clientela constituída principalmente de pessoas brancas das camadas inferiores, o segundo Espiritismo é o mais difundido entre todos. Prega o novo evangelho de Allan Kardec e satisfaz os anseios de saúde física e espiritual, busca a cura das enfermidades com auxílio da água fluidica ou por meio de receitas ditadas pelos espíritos. Operações cirúrgicas são realizadas pelos espíritos sem derramamento de sangue. Todos os infortúnios do mundo são justificados como forma de expiação de faltas passadas, as quais se combatem com passes “mágicos” que afastam os maus espíritos.

Os adeptos do segundo Espiritismo atuam na sociedade criando escolas, creches, clínicas dentárias e hospitais, contribuindo para amenizar as carências da vida proletária nas grandes cidades. Enfim, lutam contra as doenças, contra a miséria e trabalham visando o aprimoramento moral.

Segundo a Lei do Karma, a felicidade no Astral depende de nossas

② KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1981. P. 47.

ações no mundo. E é no interior desse quadro cósmico mítico que os homens e mulheres desajustados buscam a segurança que não encontram nas organizações sindicais, partidos políticos, etc.

O terceiro Espiritismo ou Baixo-Espiritismo congrega uma clientela maior de homens e mulheres negras. É diferenciado daquele que é praticado por branco (as) das camadas inferiores. Contudo, freqüentemente brancos (as) nele ingressam, tornam-se chefes, onde negros (as) e mulatos (as) são maioria.

Enquanto os espíritos que descem nas sessões Kardecistas são individualizados e reconhecidos pela história de suas vidas passadas, as entidades do Baixo-Espiritismo constituem categorias mais genéricas como caboclos, pretos-velhos e pombas-gira.

Os espíritos estereotipados dos caboclos correspondem a uma imagem idealizada do índio que se propagou no Brasil, pela corrente indigenista do romantismo de José de Alencar e Gonçalves Dias. São seres ousados, violentos, amantes da liberdade, emitem gritos e os pretos-velhos representam o negro bom, velhos e velhas contadores de histórias, conhecedores de mandingas, representam os escravos e escravas conformados e submissos que reconheciam o seu lugar.

As pombas-gira simbolizam a imagem da mulher devassa, prostituta.

Outros estereótipos enquadram-se nessa condenação, a do negro bêbado, ignorante, grosseiro, preguiçoso, mentiroso, da negra ladra, prostituta.

É curioso como negros e negras, continuam reforçando tais estereótipos ao invés de refutá-los. Para os Kardecistas é inconcebível que essa gente após a morte se transforme em espíritos de luz.

O Espiritismo brasileiro não escapou ao preconceito de cor. É comum médiuns que incorporam caboclos, pretos-velhos e pombas-gira serem tachados de "baixos-espíritos".

A condição necessária para que o espírito seja considerado um guia ou protetor é ser virtuoso, daí questionarmos se a virtude é privilégio, de uma raça? Se acreditam que o sofrimento é o caminho da virtude, índios e índias, negros e negras que sofreram com a violência e crueldade dos brancos e brancas, não estariam aptos a se tornarem no Além espíritos de luz?

Neste sentido a velha luta racial se transportaria do mundo material para o mundo espiritual.

O espiritismo kardecista vê na condição de homens e mulheres negras uma oportunidade de expiação de faltas passadas, como uma descida na animalidade. O negro reage. O Espiritismo de Umbanda é a expressão dessa reação.

A formação da Umbanda

O estudo dos aspectos relacionados a participação cultural e racial dos negros e negras escravas no Brasil e sua influência na vida social, econômica e religiosa foi amplamente prejudicado por força de um decreto ministerial de 14 de dezembro de 1890, do então ministro da Fazenda, Rui Barbosa.

Documentos preciosos, dados e fontes foram destruídos pelo fogo. Graças a ação do professor baiano Nina Rodrigues (1862-1906), pioneiro dos estudos sérios sobre os negros (as), foram realizados os primeiros estudos sobre as culturas africanas no Brasil. Sua obra versa principalmente sobre as manifestações religiosas, folclóricas e artísticas e constituiu-se num ponto de partida para estudos e pesquisas realizados posteriormente.

Os continuadores (as) de Nina Rodrigues vêm reinterpretando alguns aspectos do problema “negro”, corrigindo algumas falhas devidas à deficiência do aparelhamento científico da época.

As culturas no Brasil encontravam-se tão entremisturadas que tornava bastante difícil sua identificação. Assim sendo, o estudo da transplantação das culturas africanas só pode ser feita à luz dos métodos da aculturação.

A despeito da situação de escravidão em que se encontravam os negros e negras no Brasil, totalmente desfavorável à preservação de sua cultura, o aspecto religioso revelou uma resistência contundente, sobrevivendo ao esfacelamento e dissolução impostos pelo conflito de culturas, posto que vieram ao longo de quase quatro séculos, portando diferentes tradições religiosas, linguagem e mitos.

Ao embarcarem nas costas africanas dissolviam-se os laços étnicos e familiares e aqui eram reduzidos a uma massa de indivíduos que tinham em comum

a cor e servidão.

Os indivíduos de reinos, tribos, aldeias e linhagens diferentes não reproduziam na colônia as manifestações culturais de origem. Contudo, acabaram por constituir pontos de referência que permitiram a conservação de algumas tradições, crenças e línguas.

Aos escravos e escravas era permitido o encontro nos batuques para danças profanas, enquanto as manifestações religiosas eram proibidas sob alegação de feitiçaria. Difícil, porém, era distinguir entre uma coisa e outra.

As confrarias e irmandades dos “homens pretos”, comandadas pela Igreja, pretendiam substituir as práticas fetichistas dos escravos e escravas pelo culto católico.

A situação de conflito entre o conglomerado fetichista negro-africano e o Catolicismo delineou o fenômeno do sincretismo, sendo os deuses negros dissimulados nas figuras dos santos católicos.

Enquanto as culturas negras formavam (aparentemente) um bloco de religiões diversas, com pontos semelhantes, fetichismo comum, estruturas relativamente simples, conceitos grosseiros e palpáveis, facilmente redutíveis a objetivações prontas e cômodas, a Igreja representava uma complexa organização, possuidora de conceitos sutis, impossíveis de se traduzirem em objetivações acessíveis.

O fetichismo africano sofreu no Brasil a influência do Espiritismo e das religiões ameríndias, mas é incontestável a ação dominante que recebeu do Catolicismo.

“O africano já trazia a seita religiosa de sua terra, aqui era obrigado por lei adotar a religião católica, ficou com as duas crenças. Encontrou no Brasil a superstição, consequência fatal aos povos em sua infância. Fácil lhe foi aceitar para cada moléstia ou ato da vida um santo protetor.” ③

Produziu-se assim uma série de correspondências entre os santos católicos e os orixás. A palavra orixá vem do nagô, significa imagem, por extensão passou a ser santo ou divindade.

③ MAGNANI, José G. *Cantor. Umbanda*. São Paulo, Ática, 1986, p. 40.

No Rio de Janeiro a diferenciação por nações conservou-se até o término da primeira década do século XIX. As de origem sudanesa possuíam seus candomblés, os bantos possuíam a cabula. As religiões dos bantos eram mais permeáveis à influência de outros cultos e por volta da segunda metade do século XIX sobre o influxo do Espiritismo que fora introduzido no Brasil nessa época.

Desta forma surge a macumba, um sincretismo do jejê, nagô, muçulmano, banto e caboclo, espírita e católico.

Bastou que os espíritos dos caboclos, os santos do Catolicismo, os desencarnados do Espiritismo se unissem a certos orixás e ritos das nações iorubas na cabula das nações bantos para que a macumba nascesse.

A macumba primitiva constituiu-se assim num agregado de elementos esparsos do Candomblé, cabula, tradições indígenas, Catolicismo popular, Espiritismo, práticas mágicas sem o suporte de uma doutrina capaz de integrar as várias partes.

Na década de 1920 surge no Rio de Janeiro a Umbanda, decorrente das dificuldades de negros (as), mulatos (as), imigrantes pobres em se integrarem numa sociedade em rápida transformação. O processo de institucionalização se dá no momento em que alguns elementos egressos do Espiritismo kardecista, insatisfeitos pela excessiva intelectualização do Kardecismo, voltam-se para esses cultos, apropriam-se de ritos, impõe-lhes uma nova estrutura e os une no interior de um novo discurso.

Entfim, a Umbanda se constitui a partir de um duplo movimento: apropria-se de elementos existentes no seio dos cultos, ritos e valores religiosos do Espiritismo assim como os da macumba e do Baixo Espiritismo e submete-os a um processo de depuração e os reinterpreta dentro da lógica do Kardecismo. Os novos líderes passam a reivindicar para ela um lugar legítimo e próprio ao lado de outras religiões. Surge um novo culto diferenciado de suas matrizes originais.

O processo de institucionalização não foi livre de conflitos, houve ataques por parte da Igreja, imprensa, instituições médicas e da polícia.

“Hoje uma onda de mistificação invadiu a Umbanda. Os inva-

sores criaram uma Umbanda branca, modificaram os rituais sagrados e introduziram o comercialismo em sua prática. Pessoas que nada conhecem dos mistérios da Umbanda criaram centros, os verdadeiros umbandistas não são bem recebidos, pois lhes vedam a entrada com estas palavras: “Isto aqui não é macumba, é Umbanda, vocês estão acostumados com o Baixo-Espiritismo”. Muitas vezes a verdade reside num terreiro pobre, humilde e despretensioso enquanto a mistificação campeia em um centro luxuoso... Quem conhece um pouco da história das religiões sabe muito bem que a raiz da Umbanda está no continente africano. É assim muito engraçado ouvir dizer que a Umbanda sofre influência africana. Não confrades, a Umbanda é africana, é patrimônio cultural da raça Negra.” ④

No início do século XX, Zélio de Moraes dirige, em Niterói, um movimento que atribui para si a missão de salvar a mediunidade das influências nocivas das práticas africanas, “implantando a verdadeira religião brasileira”. Pretendia uma Umbanda Cristã única e verdadeira, excluindo centros e terreiros africanizados.

Desde então, tentativas tem sido feitas, por parte dos setores intelectualizados no sentido de uma homogeneização da Umbanda. Pleiteiam a codificação e o estabelecimento de um centro decisório único que subordine os terreiros e do qual emane os princípios doutrinários.

Com propósitos de organizar os cultos afro-brasileiros num conjunto articulado e com um centro decisório e ainda enfrentar a repressão do Estado surgem as Federações de Umbanda.

Em 1937, na tentativa de criar uma hierarquia religiosa para o conjunto dos Umbandistas, Zélio de Moraes funda a União Espirita de Umbanda propondo uma religião destituída dos símbolos africanos, priorizando a orientação doutrinária com base no Evangelho.

O movimento que pretendia a disciplinarização da Umbanda foi fruto do interesse crescente da classe média, onde até então predominavam segmentos

④ MAGNANI, José G. Cantor. op. Cit. p. 41-42.

populares.

As propostas da União Espírita de Umbanda não foram bem sucedidas e sofreu o impacto de um movimento inverso por parte dos terreiros e do surgimento de outras federações.

Não conseguiram nem ao menos preservar internamente a pureza ideológica que pretendiam, como também fracassaram na tentativa de estabelecer uma hierarquia que contasse com obediência ritual e doutrinária.

As federações fundadas na década de 1950 não tinham nenhum projeto ideológico claramente definido, havia sim uma tentativa de união entre elas no sentido de formar uma espécie de confederação, mas a dinâmica da dispersão se perpetua, de um lado as tentativas de unificação, de outro, movimentos de separação das cúpulas. E juntamente com as oscilações a presença da Umbanda continuava a aumentar na sociedade.

Na década de 1960, a Umbanda é reconhecida como religião, pela sua indicação na pesquisa do Censo e também é eleito o deputado Átila Nunes no Rio de Janeiro, com base nos votos dos umbandistas.

Enquanto isso, foram criados uma série de órgãos confederativos que multiplicaram as confederações, juntamente a proliferação de Federações. Enfim, a união entre os umbandistas tornava-se cada vez mais difícil de ser efetivada.

Com a formação de um órgão colegiado, CONDU (Conselho Deliberativo de Umbanda) no início da década de 70 se deu mais uma tentativa no sentido de congregar as federações existentes.

Sem um centro aglutinador, sem uma única doutrina e com cada centro mantendo sua autonomia, a Umbanda prossegue e avança em sua tortuosa trajetória. Reflexo disto foi a fundação em 1972 da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, na cidade de Uberlândia, cuja prática vem desde 1947.

CAPÍTULO II

Histórico da Umbanda em Uberlândia

A busca pela origem do culto umbandista na cidade de Uberlândia remeteu-nos à história de Irene Rosa, pioneira nesta localidade. Dona Maria do Rosário, filha de Irene Rosa, hoje com 68 anos e sua filha Maria Irene Arantes, 45 anos, nos relataram, em entrevista, a história de sua mãe e avó respectivamente.

Segundo Maria do Rosário ①, quando ela estava com quinze anos, sua mãe trabalhava na Pensão Sul Goiânia e foi obrigada a afastar-se do serviço pois encontrava-se enferma. A família, que não dispunha de recursos financeiros para pagar o tratamento, começou a desesperar-se pois ela encontrava-se muito mal. Irene Rosa foi levada a um Centro Espírita Kardecista, onde começou um tratamento espiritual com Dr. Bitencour, um médico espiritual e, logo no terceiro dia começou a dar sinais de melhora. Foram três meses de difícil dieta. Assim passou a frequentar os trabalhos, até ser convidada pelos espíritos de luz para fazer parte da corrente. Um dia, os Pretos Velhos Pais Mateus e Pai Josué, disseram que Irene Rosa tinha uma luz brilhante ao seu lado e esta luz tinha um nome que era Pai João e, através de muita concentração, no dia 12/08/45, Pai João tomou o seu aparelho* e realizou um maravilhoso trabalho. Daí em diante ela entregava sempre o seu aparelho para praticar a caridade.

Em meados de 1946, Irene Rosa já tinha vários (as) seguidores (as), foi quando Pai João pediu-a para construir o seu próprio centro. Os médiuns contribuíram doando prendas para arrecadar fundos para levantar a casa de caridade. O primeiro trabalho foi realizado em 24/06/47 no centro localizado na Rua Rafael

① Entrevista Maria Irene Arantes no dia 24 de agosto de 1988.

* Aparelho - o mesmo que médium, "cavalo".

Rinaldi, nº 1.036.

Construída a Tenda, Irene Rosa passou a dar aulas de alfabetização para adultos e fornecer sopa para pessoas carentes. Era também, parteira e socorria as mulheres que estavam prestes a dar a luz e, se estas mulheres não tivessem condições de criar seus filhos, ela adotava aquelas crianças e as criava como se fossem seus (as) próprios (as) filhos (as). Irene Rosa continuou sua luta até o dia 17/09/75, quando faleceu.

Segundo Agnaldo Rodrigues ②; Mãe Delfina foi pioneira na divulgação do Omolocó, mistura de Umbanda e Candomblé. Ela iniciou-se no culto em São Paulo, onde morou algum tempo e começou a praticá-lo nesta cidade em 1961, sendo que até então era desconhecido. É considerada uma das mulheres mais determinadas na divulgação do culto, foi a primeira a falar sobre ele na televisão, deu palestras em escolas e Universidades. Contribui ativamente com a prática de assistência social na localidade. É conselheira espiritual e desfruta de grande prestígio na sociedade local e até nacional. Por causa de sua atuação ativa acabou por se tornar um ponto de referência obrigatória para todas as praticantes do culto nesta localidade.

No relato que obtivemos em 03 de agosto de 1988, Dra. Helena Garcia nos fala sobre a fundação da Federação Umbandista do Triângulo Mineiro e Vale do Paranaíba, por iniciativa de José Marques, sendo ele o primeiro Presidente e ela a Vice-Presidente no ano de 1970. Nos relatou, que foram associadas cinco casas umbandistas inicialmente e que as propostas desta Federação poderiam ser, mas não foram bem sucedidas, uma vez que a ganância de irmãos menos avisados a fizeram cair por terra, até que deixou de funcionar.

Posteriormente foi fundada em 29/06/72 a Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, sendo Presidente, Dra Helena Garcia. De acordo com os Estatutos da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, com se e fora em Uberlândia, sendo o prazo de duração indeterminado, ela é uma associação Espírita Cristã, destinada à prática da religião espírita umbandista para ambos os sexos. Tem por finalidade:

a) A prática religiosa, propugnando sempre pela caridade material, in-

② GOMES, Agnaldo Rodrigues. As Relações de Gênero no Candomblé. Uberlândia. UFU, 1997 (Monografia).

telectual e moral, dentro dos princípios e luz da doutrina espírita umbandista.

- b) Congregar todas as Tendas, Terreiros e Centros Umbandistas no Estado de Minas Gerais a fim de estreitar os laços de fraternidade Cristã e a prática da caridade segundo ensina Jesus.
- c) Propugnar sempre a educação e trabalho como fatores de progresso social, dentro das normas espíritas cristãs.
- d) Tudo fazer para o bem da humanidade, preconizando a paz e harmonia amparando a infância e a juventude à luz da doutrina espírita umbandista.
- e) Respeitar e acatar a Constituição e as demais leis do país.
- f) Fundar e manter obras assistenciais de acordo com suas possibilidades.
- g) Exemplificar o trabalho, a tolerância e a solidariedade.
- h) Organizar e cumprir o programa da Federação, visando o esclarecimento e o progresso de todos.
- i) Estudar obras espiritualistas que concorram para o aprimoramento moral e intelectual.

Atualmente são 40 casas umbandistas da cidade de Uberlândia associadas à Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, além de um grande número que atua autonomamente, segundo dados da própria Federação.

Princípios da Umbanda e o papel da Mulher

A Umbanda, religião popular por excelência, é monoteísta.

Os (as) umbandistas crêem na bondade infinita de Deus, que dá a oportunidade de ressarcir erros, resgatar pecados em sucessivas reencarnações rumo à perfeição. Humildade, modéstia e tolerância são virtudes primordiais numa religião de compreensão e bondade, de caridade e de paz.

A Umbanda não faz sermões, não arrebanha adeptos (as), não vende o céu em lotes, simplesmente aguarda que cada um (a) amadureça. Sua idéia central

é oferecer orientação espiritual às criaturas e anunciar a salvação a todas, sem discriminação, independente de cor, raça, nação, ou posição social. Qualquer pessoa pode ser umbandista, mesmo sendo analfabeto (a) bastando seguir as determinações das entidades, mas se procura a perfeição deve estudar. A Umbanda é ciência, é magia, é religião e é filosofia, e nada disso se pode entender sem estudo, sem dedicação, sem amor.

Um aspecto peculiaríssimo desta religião reside na concepção de que nada é proibido. Cada praticante assume responsabilidade de suas ações perante Deus. Segundo os princípios umbandistas, cada pessoa é autônoma para agir da maneira que quiser, mesmo causando mal aos outros, deixando claro que as consequências serão arcadas pela própria pessoa que age. É a Lei do Libre Arbítrio que tem como consequência a Lei de Causa e Efeito, tudo que é feito se reflete em algo.

A Umbanda não julga as transgressões das Leis de Deus, cometidas por homens e mulheres, quem julga é a sociedade, isto é o povo, ela é apenas um instrumento para que homens e mulheres recuperem a graça e o equilíbrio. É contrária a lei do crê ou morre do tempo da Inquisição. Aprecia a liberdade e faz com seus (as) adeptos (as) a procurem.

O amor e a caridade são condições necessárias para a evolução, não é a religião que salva a pessoa, mas a caridade, sem caridade não há salvação.

Na Umbanda, a princípio, são vetados os trabalhos dirigidos ao mal, embora algumas casas cruzadas o façam, cada uma tem os seus critérios. Há a preservação da simplicidade que vai dos vestuários às oferendas e às casas, com exceção, nas vestimentas dos Exus, que pedem um maior capricho. Há orgulho na incorporação das entidades consideradas pelo valor que tenham em fazer a caridade e de dizer a verdade.

Vivemos em um mundo bastante pesado, com habitantes igualmente pesados e de má índole. Pessoas desavisadas procuram na Umbanda melhoras financeiras a qualquer preço. promoções no trabalho, tirar marido e esposa alheios, matar algum desafeto, esquecendo que a Umbanda nasceu para a caridade.

Nas Zonas umbralinas, inferno ou purgatório como queiram outras re-

ligiões, espíritos deformados, cujos espíritos estão intoxicados por centenas de anos de crimes ficam presos por afinidade vibratória, hipnotizados por magos do baixo astral com interesse em utilizá-los contra seus desafetos. Estas multidões são os espíritos que ainda não quiseram evoluir, presos aos vínculos de suas próprias predileções. São estes “demônios” as levas imensas de quiumbas que a Umbanda corajosamente enfrenta em seus trabalhos, trazendo-os pouco a pouco à luz, desmanchando suas feitiçarias, transformando o mal em bem, numa promessa de Justiça Divina.

Na Umbanda, infelizmente há muitos (as) vacilantes, incrédulos (as) e mistificadores, movidos (as) por sentimentos rancorosos, vingativos e maléficos, contra os quais não se aplica nenhuma restrição ou punição, a autonomia de casas pouco sérias é respeitada. Sabem que estão cavando suas próprias sepulturas morais, chegará o dia em que rogarão por socorro espiritual.

Os (as) umbandistas aguardam para que um dia, finalmente procurem auxílio, dispostos (as) a mudar suas más intenções como desejam seus protetores. Acreditam na infinita misericórdia de Deus, que permite que todos evoluam do nada aos mundos angelicais, sob a Suprema Lei. Na Umbanda quando se fala em Lei refere-se à Lei do Astral, as leis humanas dependem da época e da geografia, da cultura, enfim. A Lei do Astral é a inexorável Lei de Deus, da natureza. Sob a Suprema Lei, aquele que pautar sua vida nos erros permanecerá como quiumba, vagando nas zonas umbralinas, servindo de escrava aos quimbanderos, fazendo se passar por Exus para seus malfeitos.

Segundo a concepção umbandista, a mulher é igual ao homem. Tanto homens quanto mulheres possuem igualdade de condições, não há segregação sexual.

A mulher encontrou na Umbanda uma oportunidade de exercer cargos idênticos aos dos homens. Nos rituais e nas cerimônias os papéis masculinos e femininos são equiparados. A presidenta ou Mãe de Santo dirige os trabalhos desde a abertura até o final. Filhas de santo ou médiuns colaboram com a Mãe na incorporação, na higiene da casa, nos cantos ou curimbas, podem bater atabaques, tudo que concerne no bom andamento da religião, responsabilidades também dos ho-

mens.

Um terreiro pode se estabelecer por iniciativa tanto de um médium quanto de uma médium no sentido de ganharem autonomia de pai de santo ou mãe de santo respectivamente.

Uma pessoa poderá ser considerada pai ou mãe de santo, isto é se as entidades quiserem tê-lo (a) no comando de uma casa após sete anos de obrigações que são trabalhos de mata, cachoeira ou de mar, mas estas obrigações são vistas por muitos (as) como meras formalidades e nem sempre se efetivam na prática.

CAPÍTULO III

Importância dos terreiros

Na tentativa de dimensionarmos a importância e a influência dos terreiros umbandistas na sociedade local, vimos como necessário o levantamento de quantos são, onde se localizam, o número de adeptos e a classe social na qual se inserem. Considerando a autonomia que pais e mães de santo possuem para estabelecerem-se, sem um único centro aglutinador, do qual emane princípios e regulamentos, sem uma única doutrina (existem muitas casas cruzadas), e muitos (as) “adeptos (as)” circunstanciais (até praticantes de outras religiões que procuram a Umbanda em momentos periclitantes), estes números são extremamente difíceis de serem precisados.

Helena Garcia ① relacionou quarenta casas umbandistas na cidade de Uberlândia associadas à Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais, atualmente. Ao indagarmos sobre a possibilidade de destacar algumas casas como principais, seja pelo rigor, seriedade e respeito à doutrina, ela apontou-nos vinte casas.

As duas relações (das casas associadas à Federação e as Principais) possibilitaram-nos a visualização do seguinte quadro:

① Entrevista: Dra Helena Garcia no dia 03/08/98.

	Casas Associadas à Federação	Principais
Quantas são:	40	20
Dirigidas por homens:	22	10
Dirigidas por mulheres:	18	10
Localizam-se em bairros afastados	33	13

Mesmo sabendo que este quadro não representa a totalidade, posto que existem muitas casas autônomas, ele nos revela dados significativos. É bastante expressivo o número de casas dirigidas por mulheres, é equiparado ao número de casas dirigidas por homens. A localização da maioria dos terreiros em bairros afastados evidencia a grande influência que exercem sobre as camadas “populares”. Estes dados mais a observação realizada nos terreiros e as entrevistas às praticantes, confirmam o estudo bibliográfico que apontou uma clientela de homens e mulheres negros e pobres como maioria que busca na Umbanda a segurança que não encontra nas instituições médicas públicas, nas obras de assistência social de incumbência do Estado ou nas organizações sindicais.

Alaide Mello falou-nos sobre os caminhos que sua casa utiliza para cumprir as propostas fundamentais da Umbanda:

“Oferecemos auxílio espiritual em casos de doenças, intrigas domésticas, amor, trabalho. Tratamos drogados e alcoólatras com água fluidificada. Temos sessenta e cinco famílias cadastradas, que após a devida sindicância em suas residências para avaliar a necessidade, doamos no segundo sábado de cada mês cestas básicas, sopa, roupas, móveis e utensílios domésticos, enxovais para gestantes, tudo arrecadado através de doações de empresas e particulares.” ②

Percebemos em todos os depoimentos colhidos que o objetivo central das mulheres que dirigem casas umbandistas passa pelas obras de caridade, seja

② Entrevista: Alaide Maria de Mello no dia 24/08/98

espiritual ou material, uma vez que todas foram motivadas a se desenvolverem na religião movidas pelo sofrimento. Assim sendo, desdobram-se na árdua missão de levar alívio, otimismo e fé a todos (as) que as procuram, não discriminando ninguém, seja pela cor da pele, conduta ou posição social.

Indagando adeptas do culto umbandista sobre suas histórias de vida e motivações para a prática da religião, ouvimos:

“Sou vidente de nascença. Minha família percebeu quando eu tinha uns três anos, eu via espíritos e eles pensavam que era doente mental. Sofri muito por causa da mediunidade de vidência. Casei aos treze anos e por influência dos familiares do meu marido, que eram Kardecistas, fui encaminhada para tratamento espiritual. Encontrei alívio para minha aflição.” ③

“Eu era sonâmbula e pressentia quando ia acontecer, era como se o espírito se desligasse do corpo, minhas filhas, pequenas, ficavam curiosas e assustadas, sentiam medo de mim. Na Umbanda encontrei solução para todos os problemas.” ④

“Eu tinha uma tinturaria, tinha sempre muito trabalho, mas o dinheiro não dava nem prá nós comê. Sentia que era vítima de inveja. Comecei a freqüentar o Centro Santo Antônio de Mar-mo e recebi a graça que pedi.” ⑤

Estas mulheres foram motivadas pela solução imediata dos “males” que as afligiam e passaram a atuar na religião levando conforto a todo tipo de sofrimento. Tomaram para si esta missão.

“Atuamos quase como psicólogas no sentido de entender os problemas das pessoas para poder auxiliá-las.” ⑥

Todas foram unânimes ao afirmar que a prática da Umbanda satisfaz plenamente os seus anseios, pela possibilidade de solução dos problemas, pelas

③ Entrevista: Nilza Alves Almeida no dia 28/08/98.

④ Entrevista: Alaide Maria de Melo no dia 24/08/98.

⑤ Entrevista: Isaura Santana Sabino no dia 24/08/98.

⑥ Entrevista: Maria Irene Arantes no dia 24/08/98.

respostas imediatas, clareza e abertura da mente.

Através das entrevistas e das observações pudemos identificar dois segmentos no interior do culto. Um deles é marcado nitidamente por influências Kardecistas, com muito estudo teórico, e uma preparação intensa de seus (suas) médiuns e outro, mais apegado às tradições, onde não há muita preocupação nem com o estudo e nem com a devida preparação dos (das) médiuns. Estes (as) seguem à risca as determinações das entidades. Nas casas onde há a influência do Kardecismo, percebemos um discurso mais aberto em relação a atuação feminina, tendo como única restrição imposta às mulheres a relacionada à menstruação.

“Em algumas casas a mulher menstruada pode até incorporar algumas entidades como Pretos Velhos ou Curumins, nunca Exu. Outras nações como o Candomblé e o Omolocô não permitem.” ⑦

“Nossa casa aceita a incorporação de Pretos Velhos, Caboclos e Erês por mulheres menstruadas e podem também participar dos trabalhos como escoras, exceto quando é gira de Exu. Quando a mulher está menstruada o corpo está aberto e o Exu se alimenta de sangue, mas o sangue da menstruação é um sangue impuro, pode gerar vibrações negativas. Se uma mulher menstruada incorporar Exu pode até morrer de hemorragia.”

⑧

No caso da menstruação a atuação feminina é limitada e justificada. O mito de que a menstruação é o sangue impuro está presente no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Estas religiões proíbem que o homem tenha acesso ao corpo da mulher durante “aqueles” dias, para não se contaminar. Creemos que a Umbanda também, ao creditar impureza ao corpo feminino durante a menstruação reforça em muito a misoginia presente em todos os credos religiosos. A extensão desta idéia pode ser encontrada em diversos lugares do social, inclusive cantada na música “Cor de rosa choque” ⑨. **“Mulher é bicho esquisito, todo mês sangra”.**

⑦ Entrevista: Maria Irene Arantes no dia 24/08/98.

⑧ Entrevista: Alaíde Maria de Melo no dia 24/08/98.

⑨ CARVALHO, R. e LEE, Rita. Cor de Rosa Choque. Música Popular Brasileira.

Quanto à divisão das obrigações e tarefas existentes no interior dos cultos, percebemos que se aproxima bastante daquela que se encontra cristalizada na sociedade. Nos terreiros a mulher pode executar todas as tarefas necessárias ao seu funcionamento desde que seja preparada. Se a condição exigida é uma preparação adequada, a tradição então se perpetua, porque acostumadas com obrigações que são consideradas “naturais” a homens e mulheres, elas aceitam sem maiores questionamentos. Não existe nenhum regulamento ou justificativa que impeça a mulher de tocar atabaques ou fazer o corte de animais, entretanto em alguns terreiros são atividades proibidas a ela.

As tarefas das mulheres nos terreiros estão quase sempre relacionadas ao trabalho doméstico. São cozinheiras do santo, preparam as oferendas, cuidam da limpeza e organização da casa, enfim exercitam seus “dons maternais.”

“Na prática da Umbanda, a mulher pode exercitar os dons maternais que lhe são inerentes. Cumpre a missão de mulher na prática religiosa como uma extensão de sua casa... A mulher se adapta melhor do que o homem porque o exercício da religião demanda muito tempo e a mulher é mais desprendida que o homem.” ⑩

Patrícia Birman nos diz que: **“(...) a identificação da mulher com a mãe e desta com a imagem da honra e pureza no espaço da casa, está relacionada com o caráter assexuado dessa imagem feminina.”** ⑪⑫

Notamos que quando interpeladas sobre a menstruação e sua relação com a incorporação ou mesmo com a manutenção de um terreiro, nossas entrevistadas não questionam estas questões. Elas são aceitas “naturalmente”, o que a nosso ver reforça mitos e preconceitos estereotipados em outros credos, a despeito da sua posição extremamente valorizada no comando dos rituais umbandistas.

Considerando a proposta inicial de nossa pesquisa, a de relevar o papel

⑩ Entrevista: Alaide Maria de Melo no dia 24/08/98.

⑪⑫ BIRMAN, Patrícia. *Fazer Estilo Criando Gêneros: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro*. Relume Dumará, 1995, p. 22.

das mulheres no contexto de uma prática religiosa, delineamos, através do diálogo e do confronto entre as diferentes fontes, um quadro, onde é possível contemplar mulheres que vêm tentando vencer barreiras opressoras que as confinaram durante séculos.

No interior das práticas umbandistas a liberdade de pensamento e ação e principalmente o respeito ao direito do (da) outro (a) de pensar e agir cada um (a) ao seu modo está acima de qualquer dogma. Na Umbanda cada praticante tem como norte a sua própria consciência. Aquele (a) que conhecer um pouco da História do culto e da prática, logo se convencerá de que este é um princípio inconteste. Posto isto fica claro que esta religião é um espaço “aberto” que abriga inúmeras possibilidades de exercício da liberdade. É um campo em que todos os anseios, desejos e emoções emergem de maneira vultosa, possibilidade difícil de ser imaginada em qualquer instituição, religiosa ou não, que conhecemos na atualidade.

Entrevistando mulheres, portadoras de diferentes motivações e ideais, vimos seus caminhos convergindo para um ponto comum a todas elas: nos limites de seus terreiros, muitas (os) extrapolam conseguem realmente virar pelo avesso as razões que legitimam a hierarquia social. Elas têm poder e são respeitadas.

Enfim, mulheres que durante séculos e séculos estiveram presas às amarras machistas que as depreciavam conquistam um espaço que aceita suas potencialidades e suas capacidades transformadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletirmos sobre os questionamentos iniciais que nos possibilitaram delinear os caminhos para a realização desta pesquisa concluímos que, dada a amplitude do tema, não nos foi possível estabelecer uma série de outros questionamentos suscitados, e também porque extrapolaríamos os objetivos de um trabalho monográfico.

Ao nos indagarmos quanto aos objetivos da pesquisa acreditamos que, mesmo não sendo possível uma discussão mais amadurecida acerca do objeto, pudemos vislumbrar um rico campo que abriga inúmeras possibilidades para a continuação de investigações nesta área e, é o que pretendemos fazer por mais algum tempo.

Inédita neste campo, no contexto local, vemos esta pesquisa como uma contribuição pelo fato de tentar resgatar aspectos até então considerados sem importância, e de participar de forma considerável na abertura de novos campos de investigação.

Se uma das propostas do trabalho monográfico no Curso de História é a de um exercício preliminar ao ofício de historiar, podemos afirmar que foi alcançada. Exercício extremamente profícuo, pois possibilitou-nos o contato com diversas fontes. Ressaltamos que o depoimento oral foi de fundamental importância ao propiciar um diálogo com outras fontes e, o que é mais relevante, é o fato de levar em consideração as motivações, anseios, ações e pensamentos dos sujeitos pesquisados.

Através do estudo bibliográfico e do contato direto com os (as) praticantes do culto e, com os rituais, foi possível desmistificarmos algumas idéias so-

bre o culto. Podemos seguramente afirmar que, a atuação de mulheres na prática umbandista têm contribuído de forma considerável na efetivação de passos, ainda tímidos, rumo à transformações que podem fazer cair por terra antigas ideologias machistas que discriminam e excluem as mulheres em todas as instâncias do social.

FONTES ARROLADAS

- Secretaria Municipal de Cultura
- Biblioteca da UFU
- Biblioteca do Centro Espírita Bosque de Damasco
- Relações de Endereços das Casas de Culto
- Ata da Reunião para Formação da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais
- Entrevista com a Dra Helena Garcia no dia 03 de agosto de 1998 Presidente da Federação Espírita Umbandista de Minas Gerais
- Entrevista com a senhora Maria Irene Arantes, da Tenda Coração de Jesus no dia 24 de agosto de 1998
- Entrevista com a senhora Alaíde Maria de Mello, da Casa de Caridade Amor Fraterno de Jesus no dia 24 de agosto de 1998
- Entrevista com a senhora Isaura Santana Sabino, da Tenda Caboclo Pena Azul no dia 24 de agosto de 1998
- Entrevista com a senhora Nilza Alves de Almeida da Tenda Oxóssi Caçador no dia 28 de agosto de 1998

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1971, 2V.
- BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda? São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer Estilo Criando Gêneros: Um estudo sobre a construção da posseção e da diferença de gêneros em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 1995.
- CARYBE. Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia. Fundação Cultural do Estado da Bahia, Publicado em co-edição com a UFBA, 1980.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Lisboa, Difel, 1990.
- DI PAOLO, Pasquale. Umbanda e Integração Social: Uma investigação sociológica na Amazônia. Belém, UFPA, Boitempo, 1979.
- GEERTZ, Cliford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- GOMES, Agnaldo Rodrigues. As Relações de Gênero no Candomblé. Uberlândia, UFU, 1997 (Monografia).
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: Princípios da doutrina espírita. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1981.
- KARDEC, Allan. O que é espiritismo: Noções elementares do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira,

1976.

KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1983.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo, Brasiliense, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Umbanda. São Paulo, Ática, 1986.

MEIRELES, Cecília. Batuque, Samba and Macumba: drawings gestures and rhythm. Rio de Janeiro, Funarte, National Institute of Folklore, 1983.

MÔNICA, J. Della. O Mundo Encantado dos Orixás. São Paulo, Madras, 1997.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. São Paulo, Contexto, 1992.

PRESTES, Míriam. Umbanda: Crença. Saber e Prática. Rio de Janeiro, Pallas, 1997.

RODRIGUES, Jane de Fátima S. "História das Mulheres e a Categoria Gênero: Propostas Teóricas". In: Boletim Informativo do NEGUEM. Uberlândia, UFU, 1998, nº 11.

RODRIGUES, Jane de Fátima S. "Os Estudos Sobre Mulheres: emergência de um novo campo do saber". In: Boletim Informativo do NEGUEM. Uberlândia, UFU, 1998, nº 7.

TEIXEIRA, Tito. Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central e História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia Gráfica Ltda, 1970.

THOMPSON, Edward P. O termo Ausente: A experiência. In: Miséria da Teoria. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VALENTE, Waldemar. Sincretismo Religioso Afro-brasileiro. São Paulo, Cia Editora Nacional. 1977.



CARTE





